

A BOLSA DE WALL STREET

Quando meu pai voltava para casa nas noites de sexta, depois de cinco dias fora a trabalho, estava exausto.

Quase toda semana ele me pedia para ir até a garagem e buscar duas coisas no carro: a pasta e a bolsa.

Precisava das duas.
Às 21h30 em ponto, um inspetor ligaria, e os números tinham de estar prontos.

Virou o nosso ritual de sexta-feira.
Nunca reclamei.
Eu fazia aquilo pelo meu pai.
Fazia por nós.

Os números nunca estavam errados.
Os resultados nunca ficavam abaixo das expectativas.
E eu nunca o vi com raiva.

Criança, acabei acreditando que ele tinha uma bolsa mágica.

Em casa, porém, minha mãe vivia me pedindo para buscar a bolsa e a carteira dela.
Foi a minha primeira lição.
Dois objetos completamente diferentes podiam ter o mesmo nome.

Uma grande, cheia de trabalho.
Uma pequena, cheia de dinheiro.

Anos depois, numa noite de inverno, meu pai e eu voltávamos de um enterro.
Bloqueios de estrada provocados por protestos trabalhistas nos obrigaram a pegar um caminho que normalmente nunca usávamos.

Ao longo de uma avenida escura, havia várias mulheres ao lado de pequenas fogueiras.
Cada uma carregava uma bolsa.

Perguntei quem eram.
Meu pai sorriu.

“São senhoras procurando trabalho.”

Olhei para as bolsas.
“Elas levam consigo as ferramentas de trabalho”, explicou ele.
“E quem são os clientes delas?”
“As pessoas que fazem boas ações.”

Eu tinha dez anos.
Naturalmente, concluí que quem lidava com ações também lidava, de algum jeito, com aquelas mulheres. O mal-entendido fazia todo o sentido para mim.

Anos depois, meu pai me levou a Milão.
Pela primeira vez entrei no templo das finanças italianas, a Piazza Affari.

O pregão era uma gritaria só.
Gente comprando.
Gente vendendo.
Gente agitando pedaços de papel como se a própria civilização dependesse deles.

Olhei em volta, confuso.
“Por que estão todos berrando?”

Meu pai riu.
“É assim que esse negócio funciona.”

Discordei na hora.
Eu o tinha visto trabalhar durante quinze anos.
Ele nunca tinha precisado gritar.

Rimos feito loucos.
Aquela noite terminou nos Navigli, onde minhas lembranças mais uma vez se misturaram.

As mulheres à beira da estrada.

As bolsas delas.

Os operadores da bolsa de valores.

As maletas deles.

Mercados diferentes.

Mercadorias diferentes.

A mesma busca humana.

Alguns daqueles homens podiam comprar quase tudo.

O que achavam difícil de conseguir eram sentimentos.

Esperavam comprar amor.

O que costumavam comprar era outra coisa.

E havia a minha tia.

Ela guardava a maquiagem escondida dentro da bolsa, porque o marido ciumento achava que a beleza devia aparecer naturalmente.

Quando ela voltava para casa, impecavelmente arrumada, ele sorria, orgulhoso.

“Você está linda hoje.”

“Que pele saudável.”

E ela assentia em silêncio.

Outra bolsa.

Outro segredo.

Outro mercado.

Com o passar dos anos, descobri que o mundo tem muitos tipos de bolsa.

Algumas carregam números.

Algumas carregam dinheiro.

Algumas carregam desejos.

Algumas carregam mentiras.

E algumas carregam vidas inteiras.

Ferdinando Frega

BLADEFREGA

A Saga Wall Street